

GALERIA CAARENSE

Em homenagem ao MEREcimento

Anno 1º

PUBLICAÇÃO MENSAL
Fortaleza, 30 de Novembro de 1895.

Nº 3

BIBLIOTECA NACIONAL
S.I.R.
593
1951



Ao Dr. JOÃO da ROCHA MOREIRA
Os amigos e admiradores agradecidos

25º ANIVERSARIO

DA
COLLAÇÃO DO GRÁU ACADEMICO

LITH. CAARENSE

DR. JOÃO DA ROCHA MOREIRA

Filho legítimo do Major do exército Manoel Moreira da Rocha e D. Brazília Moreira da Rocha nasceu na Fortaleza no 1.º de Fevereiro de 1845.

Começou os estudos preparatórios n'esta capital e terminou-os na Bahia em cuja Faculdade se matriculou no anno de 1864 e recebeu a laurea doctoral a 30 de Novembro de 1869, conquistando como brilhante triumpho a nota de distincção com que foi coroada sua these — *tratamento da fistula lacrimal*.

Voltando a provincia natal, muito merecidamente prestigiado por esse conceito justo que não se adquire por patronato mas pela força do talento aliado á perseverança no estudo, á paciencia no trabalho, foi logo convidado para medico da Santa Casa de Misericórdia.

Ahi n'esse theatro mais vasto aberto a sua infatigavel actividade, desenvolveu uma tendencia tão amestrada para os misteres da profissão, que se impoz logo á confiança geral, alargando cada dia seus creditos a cuja sombra descança hoje como medico e eximio operador.

A 15 de Junho de 1872 casou-se com a Ex.^{ma} D. Brazília Moreira da Rocha de cujo consorcio teve 5 filhos: Mlle. Hygina; a Ex.^{ma} D. Brazília Moreira da Costa casada com o distincto engenheiro Dr. Antonio Theodorico da Costa nosso illustrado collaborador; a Ex.^{ma} D. Maria Moreira Porto casada com o negociante Possidonio Porto; Umbelina e Manoel Moreira, ainda crianças.

Em 1870 foi nomeado lente substituto das cadeiras de Francez e Inglez no Lyceu cearense e logo depois Inspector da saude publica.

Ao declarar-se a secça de 1877 o Governo Imperial distinguiu-o com a nomeação de Commissario vaccinator.

Foi n'essa triste quadra de horrores, excepcional na historia das calamidades publicas quando o povo aos borbotões era victimado pela fome e pela peste; n'esse periodo da mais dolorosa provação que reduziu esta capital ao aspecto mortuario de um grande hospital de andrajosos, esqueletos e moribundos; foi nesse oceano profundo de afflicções e de miserias que o Dr. Moreira sem encerrar perigos nem medir sacrificios provou quanto era cearense e verdadeiro medico benefeitor da humanidade.

Como outros collegas não menos dedicados á crueza do infortunio, atirou-se de corpo e alma á luta, empenhando a propria vida; montou hospitaes e lazarettos na Porangaba, dirigia e visitava noite e dia os abarracamentos, acudia a cada grito de horror e de miseria que invocava o seu nome.

Mais esquecido de si do que das necessidades e afflicções do povo, jámais abandonou seu posto de combate; esteve na altura de sua missão, sem outra recompensa além dos estímulos nobres e humanitarios que lhe impunham a honra do grão e o dever de humanidade.

Em 1881 foi nomeado medico da cadeia publica, em 1880 Inspector de Hygiene e em 1893 Inspector de saude do porto e actualmente director do serviço sanitario da Santa Casa de Misericórdia e presidente da Sociedade medica e pharmaceutica do Ceará.

Todas as posições que a sua profissão pode offerecer, elle as tem conquistado á força de merecimento assáz comprovado no longo estadío de 25 annes de vida publica, inteiramente dedicado ao apostolado da sciencia e da caridade.

Desinteressado quanto possivel, mesmo tratando-se de clientes que podem recompensar-lhe os serviços; affavel, accessivel a todos por essa attracção insinuante de seu trato cortezão e delicado, o Dr. Moreira não se pertence; seus modos, suas alegrias, a propria vida, tudo elle sacrificia menos ao azinhavre do metal do que ás urgencias dos necessitados.

A tarde memoravel de 16 de Fevereiro de 1892 por occasião da deposição do preclaro cearense General José Clarindo, de Governador do Ceará, quando as balas se cruzavam varrendo as ruas d'esta capital, o Dr. Moreira affirmou brilhantemente de quanto sacrificio e heroismo é capaz a sua missão; em frente á pharmacia Theodorico cubia mortalmente ferido um soldado de policia; defrontando a desgraça, sem pensar no perigo, o Dr. Moreira, auxiliado pelo Capitão João Carlos Jatahy, levanta o infeliz, recolhe-lhe os intestinos e o retira da rua. Foi, po-

rém, inútil o sacrificio, poucos momentos depois o soldado era cadaver.

Esse acto se não foi a santificação do officio, foi uma loucura sublime, um holocausto da vida em honra do ministerio!

Nenhuma outra preocupação lhe peza no espirito além dos misteres de sua profissão.

Apenas recebido o baptismo que o sagrou ministro, mensageiro das consolacões da humanidade soffredora, compreendeu que o seu sacerdocio como o de um juiz mas juiz recto, consciencioso, era incompativel com toda a politicagem odienta e estreita que só conhece os amigos, politica vesga e liliputiana que desce, cheia de rancor e prevenções, a todas as injustiças as mais revoltantes; que serve-se de todas as armas para ferir e aniquillar o adversario por meras supposições; não podendo respirar n'essa atmosfera pesada feita de ais e maldições, desde logo recusou todas as posições partidarias para firmar-se no coração do povo, na confiança publica que applaude sempre os homens serios, os caracteres puros, o verdadeiro merecimento onde quer que elle se revele, seja qual for o portador.

Intelligente e criterioso, o Dr. Moreira conheceu esse — Jano versatil e caprichoso que eleva muitas vezes a espuma para deixar mergulhada a perola mimoso que se retrahz, fatal deusa da fortuna a quem tantos tem sacrificado idéas, convicções, caracter e consciencia — conheceu que a arte de enganar os homens, abrindo as chagas moraes da sociedade, não podia andar de par com essa outra arte mas arte sublime que cura as chagas do corpo, ao travo de tantas amarguras e decepções preferiu a vida afanosa, atribulada mas proficua de apostolo da sciencia, de benefeitor da humanidade.

Preferiu, mau grado os momentos angustiosos que saltam o medico, enxugar as lagrimas do afflicto, applicar o cauterio de vida ou de morte, cahir vencido na luta contra a natureza e até deserer muitas vezes da propria sciencia, a subir as culminancias cujos gosos se nos parecem tão seductores pelo brilhantismo que arrastam, não deixam de accusar sacrificios e surpresas bem lancinantes, tal é a instabilidade das situações politicas, tal é a inconstancia dos homens.

O que, porém, perdia a politica, era um grande beneficio para as classes desvalidas. Foi mais um Cyrineu caridoso para suavisar os infortunios do pobre, as afflicções dos que choram.

Como outros profissionais da Fortaleza dotados de magnanimidade extrema, de um desprendimento que honra a classe, o Dr. Moreira enfeixa os mais brilhantes ornamentos de seu sublime ministerio e o seu nome desperta na sociedade cearense as mais legitimas sympathias.

E hoje que o illustrado Esculapio celebra o 25.º anniversario da collação do grão academico, a *Galeria Cearense* cujo frontal está sempre aberto ao verdadeiro merecimento, aos homens que se fizerão grandes por letras, trabalho ou virtude, sente-se desonerada de um dever social cumprimentando ao festejado clinico Dr. João da Rocha Moreira a quem as bençãos do povo cobrem de sinceros applausos.

Doutor Moreira

Não ha ninguem para quem o publico seja mais exigente do que para com o medico; e assim deve ser, porque, como li algures, o medico, para que não se conserve inferior á sua missão, deve possuir, no mais elevado grão, o saber, a intelligencia, a paciencia, a perseverança e a bondade.

Quem, como o Dr. Moreira, após um quarto de seculo trabalhado por uma clinica afanosa, não gozou os favores do repouso, menos sentio entibiarem-lhe o animo as tristezas da disillusão, e, consentio tão pouco inocular-se-lhe no espirito o veneno do charlatanismo, para, com coragem, proseguir no seu modesto quanto humanitario apostolado, é porque em si reúne, como profissional, aquellas bellas e nobilissimas qualidades.

Se grande deve ser a sua satisfação, maior deve ser o seu orgulho, vendo-se hoje cercado da confiança dos seus clientes, da estima dos seus collegas, da consideração e do respeito publico.

Eis porque nós — que tivemos os primeiros e mal seguros passos da vida pratica amparados pelo seu braço generoso

e guiados pela luz dos seus sabios e proveitosos conselhos profissionais, sentimos o coração repleto de prazer pelos seus triumphos e pelas suas glorias.

Oxalá possam essas pallidas expressões traduzir a extensão da nossa amizade, tão grande e tão sincera quanto segura e profunda é a nossa gratidão.

30—Novembro—1895.

P. A. B.

Ao Dr. João Moreira

A INSERÇÃO do busto insinuante e sympathico do Dr. João da Rocha Moreira na *Galeria Cearense* significa a um tempo o valor moral do distinguido Esculapio e a elevação de sentimentos da sociedade contemporanea. Si a gratidão do individuo dá a medida do caracter pessoal, a gratidão da sociedade aos seus benefeitores é o padrão exacto e seguro do aperfeiçoamento que ha conquistado.

Duplamente nobilitante, pois, a justa homenagem prestada hoje ao medico popular que fez um sacerdocio da sciencia que professa.

Intelligencia esclarecida, elle acompanha de perto os admiraveis progressos da sciencia, entesourando variadissimos conhecimentos que põe em contribuição para alliviar os males da humanidade soffredora.

Coração bem formado, não mercadeja os serviços a que é chamado; sempre solícito e attencioso aos apellos dos mais desherdados da sorte que todos o conhecem e bendizem.

O seu trabalho incessante, de todos os dias, de todas as horas, é uma affirmacão positiva da confiança que soube alcançar como profissional. O seu consultorio medico, sempre repleto de infelizes, recommendados apenas pelos andrajos que os vestem, é o eloquente testemunho da delicadeza de suas qualidades affectivas que o fazem respeitado e querido de todos e, principalmente, dos pobres.

Bem inspirada, portanto, a *Galeria Cearense* porque, si nos proprios impulsos a virtude encontra a recompensa infavel do que pratica, a sua salientação opera sempre beneficemente como incentivo e como exemplo.

PORFÍRIO NOGUEIRA.

JUSTA HOMENAGEM

A data de hoje relembra a mais bella conquista que pode aspirar um estudante: é a coroação de seus esforços, o passo triumphal que leva o neophito ao grande templo da sciencia, sagrado pelo talento, sobranceiro pelas esperanças robustas que lhe acenam o mais brilhante futuro.

Assim foi: não se desmentiram os creditos que soubestes affirmar; ante o apostolo do bem e da sciencia mais se tem nobilitado em sua trajectoria feliz, saudado pelo palmar da gratidão publica, pelas victorias constantes que servem de apanagio aos homens superiores.

E' o que pensamos; mas é a verdade e essa verdade que assenta na consciencia de todos não se finge de suspeições perante as attracções do sangue que nos prendem ao illustre medico Dr. João da Rocha Moreira.

A elle, portanto, as nossas felicitações.

Fortaleza, 30 de Novembro de 1895.

José ELOY DA COSTA.

A. THEODORICO FILHO.

O Seculo XIX, a electricidade e o vapor.

LE MONDE MARCHE. E' esta a transcendental phrase de Eugène Pelletan ao contemplar abortos os progressos realísados nas sciencias, artes e industrias no decurso do seculo que atravessamos.

Sim, neste seculo em que as mais bellas applicações dos dous poderosos agentes — electricidade e vapor tem proporcionado a humanidade a maior somma de bem estar e beneficios innumerados.

Electricidade e vapor que nas mãos de Fulton, Stephenson, Ampere e Edison transformarão o nosso globo, fazendo-o passar por successivas mutações.

Aqui, são os bateis á vapor, sulcando os mares, estreitando as relações entre os povos da livre America e a culta Europa, trazendo os povos semi-selvagens ao convívio das nações civilisadas, desenvolvendo o commercio nesta permuta constante de productos.

Ali, é a locomotiva, a sublime filha de Stephenson, a mais bella synthese da mecanica industrial hodierna, rompendo o espaço, nullificando a distancia, que não passão hoje, o primeiro de uma entidade metaphisica desprovida de realidade, o segundo, de um ser ideal, como bem diz Benjamin Gartineau; é á machina, orgulho da especie humana, que em sua travessia pelos continentes, transpondo rios e montanhas, vai espargindo luz e mais luz, inoculando civilisação, abatendo as trevas e criando eras novas de progredimento e grandeza e á cujo silvo repercutu um cantico entusiastico no trabalho.

Acolá, o telegrapho, o encantado telegrapho levando o pensamento humano á paragens loçgiquas, com velocidade instantanea, com a mesma rapidez quasi de sua concepção, descoberta maravilhosa, cujos prodigios, parece, tocarem as raias do sobrenatural.

Além, o telephone, engenhoso instrumento, transmittindo a voz humana com toda a sua naturalidade através de regiões mais ou menos extensas. Mais além, innumeradas outras applicações d'aquelles agentes que cada vez mais accentuam a grandeza de nosso seculo.

Caminhos de ferro, bateis á vapor, telegraphia electrica, eis os instrumentos do progresso material e as alavancas poderosas do progresso intellectual da geração presente.

Que de beneficios não tem trazido para a humanidade as multiplas applicações da electricidade e do vapor?

Quem passar um olhar retrospectivo para os seculos que já se forão e comparar os periodos relativamente de atraso, em que elles permanecerão e nos quaes a civilisação ficou tanto asphixiada e obscura, á despeito do brilho de tantas estrellas que scintillavam no firmamento do saber; quem observar o estado estacionario não só pelo mundo physico como pelo mundo moral em que se deixavão ficar os nossos antepassados até o Seculo XV; quem attentamente apreciar a esterilidade dos seculos da idade media, em que só o Immortal Allemão, o grande Gutemberg fez illuminar o mundo com a sua celebre invenção, a Imprensa, esta filha dos Céos, que tanto adiantamento trouxe á divulgação da instrucção e que grava eternamente o pensamento humano, que é um factor poderosissimo da civilisação; quem observar o aniquilamento da humanidade pela propagação das pestes e quem sentir como nós, o adiantamento da medicina e da cirurgia, com facilidade se convencerá que o seculo XIX é verdadeiramente grandioso e é bem propriamente cognominado o seculo das luzes.

E' tido como grande o seculo em que floresceu Luiz XIV, o glorioso rei, seculo de immoralidades, de fanatismo, de dores para o povo, de abatimento para a nobreza, dos grandes escriptores, mas tambem dos vis cortezãos; seculo de grandes victorias, porém de medonhos desastres, seculo que produziu Louvois e Colbert, mas que produziu Chamillard no dizer eloquente de Lerguiler.

O que dissemos nós de nosso seculo, em que uma revolução rapida e profunda se accentua, inaugurando uma era nova, cheia de triumphos para a sciencia e de progressos para as artes e industrias, abolindo a escravidão e proclamando bem alto a igualdade dos homens? —

Aos nossos posterios, para aquelles que vão ter a suprema ventura de gosar das inauditas vantagens das descobertas que se hão de fazer no campo da electricidade e do vapor, para elles que vão sentir a efficacia dos grandes factores da actividade humana como agentes fecundos ao caminhar do progresso, para elles appellamos nós como julgadores de nosso adiantamento moral-intellectual e materialmente encarado.

A geração vivente se orgulha bastante de seu seculo e faz entoar hosannas e saudar entusiasticamente aos grandes benefeitores da humanidade.

A. THEODORICO FILHO.

O MEDICO

BALZAC, o mergulhador das profundezas do oceano sem praia do coração humano, na sua grandiosa construção estuda a sociedade dezenovista em seus multiplos aspectos, em suas infinitas estratificações, de cima, dos lados, de baixo, em o innumero dos seus vícios, em muitas de suas virtudes, Dissecta com apurada subtilidade todos os maus pendores, anatomisa o mundo das cavernas das paixões subalternas.

Apropria-se de todas as tendências e vocações, tem a susceptibilidade idiosyncrastica de todas as profissões.

Com intuição genial accentua a bella lei artistica dos contrastes, que dá nitidez a idéa e relativa o conhecimento.

Perto do vulto enorme do galeriano Vautrin, põe as vaporosas e santas Pierrette, Mirouet, Claës, Eugenie Grandet, o Père Goriot, o Cura da Aldeia, o genio (*Missa do Athen*), com as ancias, as magoas, as provações do medico Desplein.

Ao lado dos desequilibrados de todas as marcas, pinta-nos com cores bem vivas, caracteres nobilissimos, entre os quaes, fica em relevo o medico sabio e bom, zeloso e prudente.

Nas *Secuas da vida do Campo*, antes do *Cura* e dos *Camponeses*, esculpe com firme cinzel de mestre — o medico, ponderado e bondoso — que faz do consultorio um santuario, da profissão um sacerdotio. Benassis pela graveza do conselho, pela compostura da vida — posso comparar ao bom *Vigario do Wakefeld* do Goldsmith. Com as altas qualidades do homem de bem, abnegado, dedicado, Benassis avultal-a no fundo afastado da aldeia, exercendo uma especie de magistratura intima, de santo ministerio, inspirando a seus doentes queridos a desmarcada confiança, que á Alexandre da Macedonia o seu medico Philippe — dando-lhe e elle esvasiando a taça — que lhe juravam conter veneno e que o cura.

A arte do divino velho de Cós já foi condemnada como magia e é no nosso seculo um verdadeiro encanto, guardando-se nos tombos das cousas equivocadas de tempo e de oportunidade as *bon-foneries du medecin malgré lui* de Molière. Hoje ella verifica no circulo amplo da biologia as leis da vida, o seu equilibrio, os seus desequilibrios, analisa-os e procura restabelecer o funcionamento do primeiro, quando perde a ponderação no attrito de forças desiguales.

A pathologia não é mais um ser independente, de vida propria — é pelo contrario apenas a physiologia em desmantelo. E é este desarranjo que o medico corrige ou concerta — egualdando as forças de solicitação, que desconformes agem.

O João Moreira adapta-se ao molde fabricado pelo lapidario do *Medico de Cambrague*, eleva-se a altura de um missionario do bem, na linha do estalão traçado. A magia da sciencia enlaça a magia da bondade, a magia do desprendimento. A sua palavra tem as vibrações de uma musica deliciosa e o quarto do doente, onde é chamado — é logo povoado das visões tutelares das esperanças.

Procurando resolver o difficil problema da saude, manter inteira a hygia humana, esculptural-a sem falhas, João Moreira se impõe em o nosso meio, captivando todas as sympathias, atrahindo todas as affeições. Percorre como um dominador, o seu caminho, transformando as dores em risos, os gemidos em notas de alegria, os retrahimentos do desconforto em expansões de festa. Atiram-lhe as flores do reconhecimento e elle, modesto, affavel, senhor dos segredos da vida, como uma luz suave que vae rasgando a densidade da treva, prosegue a sua-visar os soffrimentos — que deitam sombras espessas nas bordas da estrada. O seu histori, o seu forecps exercem a fascinação de uma incumbencia santa.

A' cabeceira do enfermo, decreta, consolá, cura.

Vive sitiado do carinho das benções das familias, das caricias da estima publica, da porção mais fina do apreço social.

Sabe honrar a classe que delle se desvanee e a terra do seu berço que ama com as devoções do sacrificio e que se orgulha do opulento patrimonio das virtudes publicas e privadas do filho amado.

Serio no seu ar amavel, é um privilegiado, parece o genio da cirurgia. Não cança no seu labutar.

12 de novembro de 1895.

PEDRO DE QUEIROZ.

Questões de hygiene publica e privada

SUMMARY.—A *Sabridade da cidade da Fortaleza*.—*Seu abastecimento d'agua*.—*O lençol subterraneo e as fossas fixas*.—*Solução do problema*.

II

No artigo precedente disse que agua de que se serve a população da Fortaleza — era impotavel e por consequencia nociva ás funcções gastro-intestinaes.

D'ahi o grande numero de despepticos que se encontram além de outros incommodos que delinham os habitantes desta cidade.

Não tenho em mãos um estudo completo das aguas que servem para o consumo da capital cearense.

Me falta completal-o e quando o fizer darei publicidade para conhecimento de todos.

Este estudo deve ser baseado como muito bem disse Gabriel Pouchet «no conjunto dos resultados fornecidos pela analyse chimica e pela analyse biologica.»

Pela observação que tenho feito posso entretanto assegurar que as aguas da Fortaleza têm em dissolução grande quantidade de sais calcareos (carbonato e sulfato de cal e acido silicico) assim como materia organica em proporção tal que ultrapassa o limite da encontrada nas *peissimas* aguas que servem para o consumo das populações de certas cidades e villas da Europa.

E' verdade que as substancias organicas contidas n'agua e que tanto interesse despertão á investigação dos hygienistas — tem maior ou menor gravidade segundo são ou não animadas de vitalidade.

Algumas, podem, segundo a theoria corrente e dominante na medicina, ser o vehiculo de germens pathogenos — causa productora de grande numero de molestias.

Esta theoria foi sustentada brilhantemente na Inglaterra por Thorne, Parkes e Jenner em opposição ao que defendião na Allemanha Pettenkoffer e seus adeptos com a celebre e decadente doutrina *tellurica*.

Em apoio desta verdade citei as ultimas palavras do relatório do laureado Professor Browardel: «Dissemos que agua era o unico meio de propagação das molestias infectuosas... mas o papel d'ella nos parece mais activo e poderoso, sobretudo o mais grave pela rapidez da disseminação dos germens morbidos.»

(*Recueil des travaux* do Comité d'hygiene politique de France 1887.)

Não precisaremos insistir mais sobre o papel importante que representa agua na transmissão e propagação das diversas entidades morbidas.

No seu trabalho sobre — *Aguas-potaveis* — Paris (1891) M. Prothiere — diz que a saude publica melhorou n'um grande numero de cidades francezas depois que as municipalidades intelligentes modificaram o regimen d'agua de alimentação.

Aqui na cidade da Fortaleza a municipalidade se quizesse munir-se de intuitos verdadeiramente patrioticos e desinteressados pela saude de seus habitantes, muitos beneficios podia-nos prestar, sem precisar ultrapassar as raias de suas attribuições.

Em quanto o governo do Estado não cogitar seriamente de resolver o problema do abastecimento d'agua á cidade da Fortaleza, a Intendencia Municipal se quizesse — poderia melhorar consideravelmente o serviço que é feito, como já disse no artigo precedente, de um modo incompleto, sem escrupulos e mesmo desastrosamente.

Ella não poderia, por exemplo mandar abrir cisternas nos dois pontos da cidade (*Trindade e Jacaracanga*) onde agua é melhor (contém menos sais), estabelecer n'estes pontos rigorosa fiscalisação e obrigar os desalmados e perversos carregadores a abastecerem-se exclusivamente n'estas fontes?

Para isto haveria nos pontos indicados fiscaes para fornecerem cartões com o nome da fonte afim de serem exhibidos ao consumidor que exigisse.

Acho perfeitamente exequivel esta medida e muitos beneficios d'ella nos poderiam advir.

DR. JOSÉ LINO DA JUSTA.

(Continúa.)

INDIFFERENÇA

(MAGREZ)

Que importa que agitado torvelino Me arreaste pelos mares d'esta vida, Como folha que aos aros impellida Vaga no espaço azul — em desatino?

Eu vou onde me leva o meu destino, Porque nossa alma, a tropaeira, perdida, Sabe que esta existencia foi moldada Pelos decretos de um poder divino.

Porque gemer pelo soffrir presente, Pelo soffrir que meu futuro enpana, Porque lembrar, chorando, a minha historia.

Se o Bem, si o Mal, si a espinha e si a corrente, Junto se atrainam na carreira humana E nenhum d'ellos deixara memoria?

ANNIBAL THOMPSON.

Precursores da Revolução Francesa

Q UANTO se nos depam á vista um incendio lavrando n'uma grande mata, sentimos o coração contrahir-se n'um mal estar indizivel: tantas vidas, tanta seiva consumir-se! arvores colossaes que atestão, na casa vetusta, centenares de annos de existencia tornarem-se, em poucos minutos, cinza. O fogo inconsciente tudo devora, tudo carboniza n'uma impassibilidade de automático. Mas, passados mezes, se voltarmos a esse mesmo lugar de morte, onde a respiração era doentia e estrangulada, veremos: Oh! prodigiosa natureza — prados suberrimos esmaltados de flores de mil matizes; arvores de seiva exuberante, vergados os ramos prenhes de saborozas fructas, que os regatos não conservam mais suas aguas doozas e quentes; ellas estarão limpidas, frescas e serenas, finalmente o que antes annunciava morte, desolação e tristeza, apresentar-se-nos cheios de vida e o passado ficara velado pela cortina verdejante dos prados.

Sentiremos, então; os pulmões encherem-se de ar puro e vivificador; respiração sair-nos franca e regular do peito; os membros distenderem-se como que querendo comparticipar de tanta vida, de tanta seiva.

As revoluções humanas em nós produzem os mesmos efeitos. No começo causão-nos horror e apresentão-nos quadros horriveis, rodão-se de uma atmosphera pezada e lutoza.

Tragedias sangrentas e lacrimozas desenvolvem-se em seu seio. Por toda a parte, luto, odios, dores e vinganças. O fogo ardente das paixões tudo consome, nada respeita. A destruição é completa, porem, a reconstrução é ainda mais completa.

Quanto mais forte o fogo tanto mais beneficios seus resultados; Quanto mais sangrentas as revoluções, tanto mais liberal seu ideal.

Assim é que vemos a Revolução Franceza firmar seu pedestal de gloria n'um monte de cadaveres e cimentar esse mesmo pedestal com o sangue de milhares de victimas.

De todas as revoluções do mundo foi ella, talvez, a mais sangrenta; mas, incontestavelmente, foi tambem a mais liberal. Que importa que alguns escriptores tenham n'a condemnado como Xavier de Maistre que a qualificou de *Satanica*, — se esses mesmos são os que mais se tem beneficiado com seus proventos?

O caracter da «Revolução Franceza» é todo especial: ella foi procurar em principios no proprio direito humano, firmou-se na igualdade geral e não particularizou-se. N'ella tudo é commum, tudo é geral. Não legislou para a França, não legislou para o mundo e este é um dos pontos em que ella mais differe das suas congeneres, com excepção da do christianismo que, n'este ponto, apresenta uma certa homogenidade de ideal.

Os direitos proclamados pela «Revolução Franceza» abrangeram todas as nações, todas as sociedades, cultas ou incultas, tanto que essas mesmas nações e sociedades a proveitaram se d'elles sem distincção, quer de raça, quer de nacionalidade; porque ella não tem, nem pode ter, taes predicaes; ella não é obra de uma nação ou de uma raça, e sim o producto da humanidade toda.

Todos trabalharam para o mesmo fim e assim como foi proclamada na França, podia indifferentemente ter sido em qualquer outro lugar. E tanto isto é uma verdade indiscutivel que, Mirabeau fallando de todo grandiloco committimento político,

co, assim se expressa: «A Revolução é obra de homens que trabalhão para o mundo inteiro, e que pensão que a especie humana os contaria no numero de seus beneficores.»

A concepção da «Revolução» não foi um acontecimento imprevisto e inesperado não, já de muitos annos antes, se fazia pre-nunciar.

Assim como as nuvens que se acastellão n'um ponto qualquer do horizonte, fazendo ouvir de suas entranhas o echo rouco e cavo do trovão, annuncião a tempestade proxima, tambem desde 1797 os homens de Estado, os philosophos e os financeiros vião no horizonte instavel e da politica signaes de irrefragavel uma commoção, que devia mudar a face dos negocios publicos.

N'essa época já Robespierre dizia: «O processo vai a gora rolar entre os que pagão e aquelles que não têm outra função senão a de receber.» (1) Fenehon, em 1719, caracterizava assim a monarchia: [2] «E' uma velha machina, em ruina, que move-se ainda com o antigo impulso que se lhe deu e que acabará por quebrar-se ao primeiro choque.» Em 1733 M.^{me} de Tencin em relação ao mesmo assumpto assim expressou-se: [3] «Ao menos Deus não pinha ali, vizivelmente a mão, é impossivel que o Estado não tombe.»

Meditando um pouco sobre estas phrases concluiremos que, setenta e dois, annos antes, já previa-se uma mudança qualquer no systema politico porque a base oscilava sob o bato possante da liberdade opprimida.

Dizer qual seria essa mudança era o que constituia o X do problema social e o que, só com o começo do seculo XVIII, patenteou-se.

E é, fazendo um estudo profundo sobre o estado politico, economico, financeiro e social que se pode achar com justeza os verdadeiros precursores da grande «Revolução da humanidade, como vamos ver.

Ceará 24—11—95.

EXEAS PURES

{Continúa.}

O ultimo banquete dos Girondinos

« Parece que a fabula não carecia de mais ornamentos, quando Lamartine, um dos grandes amplidores modernos, em sua obra — *Os Girondinos* — emprehendeu augmentar o painel, animar a acção e levar o dramatico ás culminancias do exaggero. — Eis como exprime-se Lamartine em um dos topicos de seu livro —

« O deputado Bailleul, collega dos Girondinos na Assembla, seo cumplice de opinião, proscripto como elles, porem escapou a proscricção e occulto em Paris, tinha promettido enviá-lhes de fora, no dia de seu julgamento, uma ultima refeição, triumphal ou funebre, segundo a sentença, em regosio de sua liberdade ou em commemoração de sua morte. Bailleul, posto que invisivel, cumpriu sua palavra, por intermedio de um amigo. A cea funeraria ostentava-se no carcere. Manjares procurados, vinhos raros, flores caras, numerosas luzes cobriam a mesa de carvalho das prisões.

Luxo de adeus supremo, prodigalidade de moribundos; que nada têm a poupar para o dia seguinte.

Os condemnados sentaram-se a mesa a principio para restaurarem em silencio as forças gastas, depois ali conservaram-se para esperar calma e destribadamente o dia: não valia a pena d'ormir.

Um padre, joven então, destinado a sobreviver-lhes mais de meio seculo, o abbade Lambert, amigo de Brissot e de outros Girondinos, introduzindo na Conciergerie para consolal-os moribundos ou para abençoa-l-os, esperava no corredoro fim da cea.

As portas estavam abertas. Assistindo esta scena, elle annotava intimamente os gestos, os suspiros e as palavras dos convivas.

E' a elle que a posteridade deve a maior parte destes pormenores veridicos como a consciencia e feis como a memoria de um ultimo amigo. O banquete pro-

(1) Bachellet, *Hist. da França contp.*, P. 1.

(2) *Ideu*

(3)

longou-se até que a Aurora enflorou os lábios no primeiro sorriso matinal.

Vergniaud, na cabeceira da mesa, a presidia com a mesma dignidade calma que guardara na noite de 10 de Agosto, presidindo a Convenção.

Era, dentre todos, o que tinha menos a affligir-se perdendo a vida, porque completava sua gloria e não deixava, apoz si, nem pai, nem mãe, nem esposa, nem filhos.

Os outros collocaram-se por grupos formados pelo acaso ou pela affeição.

Brissot, só, estava no fim da meza, comia e não fallava. Nada indicou, durante muito tempo, quer nos actos quer nas physionomias, que aquelle banquete era o preludio de um supplicio.

Dir-se-hia um encontro fortuito de viajantes, em uma pastelaria na estrada, apressando-se em gosar as delicias fugitivas de uma refeição que a partida ameaça interromper. Comeram e beberam com appetite, porem sobriamente. Ouviam-se os ruidos do serviço e o tintilar dos copos, entrecortados de pouca conversação; silencio de convivas que satisfizeram a primeira fome.

Quando retiraram as iguarias, deixando apenas sobre a meza os fructos e as flores, a conversa animou-se vivamente, tornou-se grave e incendiaria, como o discorrer de homens aos quaes o calor do vinho solta a a lingua e os pensamentos.

Manivielle, Antboul, Duchatel Fonfrède, Ducos, toda esta mocidade, que não podia julgar-se bastante velha em uma hora para morrer no dia seguinte, exprimia-se picante e gaitamente. Estas palavras contrastavam com a morte, visinha profanavam a santidade da ultima hora e gelavam o falso sorriso que estes moços exorçavam-se por espalhar em derredor.

Esta affectação de gaiatice diante de Deus e da Ultima Hora era igualmente desrespeitosa para a vida e para a immortalidade.

Elles não deviam deixar uma e aportar á outra com uma tal ligeireza de espirito.

Brissot, Fauchet, Sillery Lasource-Lehardy, Carra tentaram, por vezes, cora responder a estas manifestações de uma alegria falsa e de uma falsa indifferença.

Vergniaud, mais grave e mais realmente intrepido em sua gravidade, olhava Ducos e Fonfrède com um sorriso onde a indulgencia ia de envolta com a compaixão.

Para o amanhecer a conversação tornou-se mais seria e solemne.

Brissot, em tom prophético, referia-se ás futuras desgraças da Republica...

Vergniaud pronunciou um ligeiro discurso.

Ducos perguntou: «Que faremos nos amanhã a estas horas?» Cada qual respondeu á feição de seu genio:

«Dormiremos apoz o combate.»

Pronunciaram-se diversos discursos. Vergniaud resumio o debate.

O sol penetrando no carcere fazia empallidecer a luz das vellas.

Levantaram-se da meza, separaram-se para entrar em seus commodos e lançaram-se quasi todos sobre as camas. Uns fallavam em voz baixa, outros cantavam coplas e alguns dormiam.

J. L. RIBEIRO.

(Continúa).

Os efeitos beneficis das medidas hygienicas, especialmente dos esgotos.

[CONTINUAÇÃO]

«Se agora lançarmos um olhar sobre as condições actuaes, poderemos verificar a importancia dos progressos realisados,

«As casas são mais bens construidas, a drenagem e a ventilação mais completas, a terra mais bem preservada de impurezas; a febre palustre e a dysenteria, outr'ora tão communs, são hoje desconhecidas; a lepra desapareceu inteiramente. A mortalidade diminuiu singularmente, ao mesmo tempo que a média de vida se elevou. A agua é mais pura, a nutrição mais variada e mais rica, as vestes mais bem adaptadas ao clima, o caracter insalubre de muitas profissões foi attenuado, e sob o triplice ponto de vista physico, intellectual e moral, o povo fez notaveis progressos. A educação generalisou-se, melhorou-se a forma do governo e todas as condições sociaes progredirão immensamente. Mas a situação das nossas cidades reclama ainda novos progressos, e é objectivo deste Congresso estudar o que está feito, e o que se

deve ainda fazer, não só no nosso paiz, como no mundo inteiro.

«Se estudarmos os efeitos de certas molestias conhecidas, vemos que sua virulencia attenuou-se singularmente.

«Pelo que diz respeito á variola, vê-se que depois da primeira lei sobre o vaccinação em 1840, a mortalidade cahio de 57,2 a 6,6 por 100,000, ainda que no periodo quinquennial de 1870 a 1874, ella tivesse attingido a 42,7. Este algarismo mostra que ainda ha muito a estudar sobre a vaccinação.

«A febre typhoide não estava separada do typho antes de 1849; mas desde essa época, pôde-se estabelecer que a mortalidade tenha cahido de 0,39 a 0,17 por 1,000, estando o progresso ligado ao saneamento das regiões.

«A mortalidade pela escarlatina oscilla entre 97 e 72 por 108,000, de 1851 a 1880, mas diminuiu consideravelmente nestes ultimos annos (17 por 100,000 em 1886).

«Em 1868 avaliava-se em 50000, o numero de obitos, por tísica: a mortalidade por esta molestia não diminuiu muito na Inglaterra. Entretanto essa pequena diminuição foi reconhecida em algumas grandes cidades, e os Srs. Buchanan e Bowditch mostrão que havia um paralelismo real entre a diminuição do numero de obitos devidos á tísica e o saneamento do solo.

«O cholera fez a sua primeira apparição na Inglaterra em 1831, e appareceu tres vezes depois (1848 a 1849, 1853 a 59 e 1865 a 66), mas o numero dos casos mortaes diminuiu cada vez mais e não apresentou caracter epidemico.

«Estes felizes resultados devem ser attribuidos mais ao estado sanitario do paiz que ao emprego de medidas coercetivas e quarentenas.

«As molestias evitaveis matão 125,000 individuos annualmente, e tendo-se em evidencia o numero das molestias para cada obito, chega-se a calcular que 78 milhões de dias de trabalho se perdem por anno, representando uma perda de 193 milhões. Nesses algarismos não se incluem as perdas provenientes da falta de saude e do esgotamento determinado na classe pobre pela residencia em habitações muitas vezes insalubres.

«Fez-se já muito, mesmo nessa época que se poderia chamar a idade pre-sanitaria, mas ainda ha muito a fazer. Esperemos que o futuro seja mais rico em progresso que o passado. A philantropia internacional permite pensar assim.

«Se se não pôde esperar a supressão total das molestias zymoticas, não ha duvida que se pode diminuir lhe a frequencia, e se não somos capazes de ir ao fundo, á origem do mal, podemos tornar o terreno em que ellas se devem desenvolver, de tal modo inhabitavel que se torne esteril.

«Mas o fim e objecto da medicina preventiva não se deve limitar a supressão de todas as condições que favorecem ou originão as molestias zymoticas. Deve-se lhe procurar combater todas as causas, que na luta pela existencia poderem influir sobre as paixões do individuo que determinão a alienação mental absoluta, ou pelo menos perturbações nervosas e nevrosthenias que se multiplicão constantemente.

«E' preciso tambem prestar attenção á recrudescencia desses phenomenos psychicos, chamados hypnotismo, braidismo, nos quaes sob a influencia de condições morbidas, a influencia de um individuo se exerce sobre outro.

«Deve-se tambem attender ao abuso do alcool e do opio e de outros estimulantes e narcoticos, pelas deploraveis consequencias que acarretão.

«A influencia nociva das noções erroneas, dadas aos poucos, a sobrecarga, a importancia dos exames, multiplicados e sobrecarregados sem medida, e a idéa que se incute de que são elles a melhor prova do saber, no entanto que se despreza a verdadeira cultura intellectual, a educação physica muito descuidada e abandonada, á iniciativa individual, tal é a serie de assumptos que merecem cuidadosa attenção da medicina preventiva, cujo papel é antes de tudo preservar a raça humana de todos as causas de degenerescencia physica ou moral.

«Embora a medicina preventiva date do tempo de Moysés, só em data recente foi a sua existencia legalmente reconhecida. Pelas pesquisas scientificas e conscienciosas observações, medicos e os que se preocupão com o bem estar geral, conhecendo a influencia de certas causas

no apparecimento de molestias, têm obrigado a opinião a reflectir seriamente

«Assim, João Howard consagrou vida e fortuna para melhorar a sorte dos presos, fazendo adoptar medidas sanitarias que modificaram o regimen das prisões.

TH. POMPEU.

Evolução do theatro

II

Não é somente o instrumento a sondar as riquezas da terra, a actividade do braço a lavar e semeiar, a semeiar e colher, o que dignifica o homem porque trabalha e comprehende as condições da vida; mas entra tambem na categoria das forças sobre a terra, entra tambem na combinação dos elementos constitutivos do desenvolvimento humano essa nobre força que se chama cerebro. A humanidade não trabalha somente, pensa e, como pensa, sente. Entra a outra força—alma.

Parece-me de Alfredo Wallace a linguagem seguinte, que eu perfilho e encaideio ao nosso destino: todo o nosso systema de governo, de justiça, de educação nacional, em uma palavra, toda a nossa organização moral e social permanece em estado de barbaria. E' que somos uns imitadores e a nossa vida moral e social não vae além dos alfarrabios do Velho Reino e do trajo chic de Paris.

Somos uma copia dos costumes desses dois cantos da Europa e nada mais aspiramos; e se não é louvavel e patriótico, pelo lado geral, mandar uma nação pisar o caminho de outra,—a verdade é de Sylvio Romero;—mas não pelo lado particular, isto é, o lado que aponta as circumstancias em que se acham as mais elevadas, havendo estimulo nesse caso; se imitamos o vestuario luzitano, porque é a terra de Herculano e de Junqueira, se imitamos em tudo a grande França, mas erradamente porque em tudo não é a mesma França, por ser a terra de Daudet e de Zola, porque essa resistencia terrivel ás ondas de luz germanica, luz da terra de Haekkel?

Fechemos o capitulo. O nosso artigo abraça a idéa de colorir sombras sobre a nossa vida theatral.

Entre os antigos o theatro era uma arena em que se tocava mais no lado individual; era o palco transformado em liça para o combate do odio e de ridiculo. Aristophanes, o grande comediographo, caracteriza-o. Não havia essencia moral bebida na flor dos bons costumes.

Porque a auzencia de modelos de obediencia, a virtude da mulher grega, sendo de elevado beneficio em apothese dessa virtude? E' que talvez a clausura da atheniense, sem direito de ir ás reuniões, de sentar-se á mesa social, estreitasse o ambiente do theatro?

Na familia romana a liberdade da mulher gira em esphera mais larga: ella comparece ás ceremonias, ao theatro e a sua virtude é a austeridade. Porque a auzencia de modelos em apothese dessa virtude?

E' que talvez o circo, o combate dos gladiadores, o delirio do sangue, fosse obstaculo ao desenvolvimento theatral?

No seculo XIV ainda o theatro não havia levantado o seu valor. Na Inglaterra as mulheres não visitavam-no e se la iam, mascaravam-se.

Era uma reunião de massas grósseiras, homens que deleitavam-se no jogo e nas bebidas, indifferentes ao desempenho dramatico. Não havia um ideal em nome da sociedade.

E demorando-me na terra de Shelley, seja-me dado o entusiasmo de cobrir de loiros o nome de um dramaturgo heroico que representou a vida moderna contra a vida antiga, o Norte vis-a-vis do Sul, o mundo gothico em face do mundo romano, emfim, o espirito dos *Nibelungen* ante o espirito da *Illiada*, tudo isso com uma força de que a moderna historia não conhece outro exemplo—Shakespeare.

A nota é do auctor dos *Estudos Allemaes*.

Conhecedor do mechanismo humano, conhecedor do coração, esse metaphysico sonhar mundos encantados; Shakespeare sempre buscou em seus dramas o lado bom e real. *Romeu e Julieta*, talvez a maior aureola de seu renome, é o amor exaltado, mas suave, louco, mas casto, que leva ao desespero. Amor sem fingimento, amor sem interesse, quadro que aproveita á communhão social, á familia.

O theatro nacional resente-se desse defeito, que não é o lado bom, a essencia do espirito theatral, a suprema visio dos sonhadores dramaticos. Sem uma restea insignificante de luz que inspire o homem, que dirija o passo social, uma interpretação dramatica entre nós agrada menos pelo interior do que pelo exterior, isto é, agrada menos pela face philosophica, profunda, real, inspiradora, do que pelas galas da phrase e declamação dos actores.

Exemplificaremos com o desenlace de um acto em um arranjo de um celebre romance brasileiro e ultimamente desenhado no pequeno theatro da capital: um homem assassina a um outro e brada não assassinar um homem, mas castigar um ingrato.

As plateas rompem palmas, mas não vemos a razão. A phrase exterior diz muito; mas a phrase interior, a que vem do fundo da consciencia, palpitante de verdade, essa não existe.

A ingratição é um crime perante a moral e não perante o direito e ai de nós se o nosso codigo legislasse aos ingratos a pena crudelissima da morte! Era um flagello, porque a humanidade vive desse alimento amargo, tem no seu seio, crescendo monstruosamente, a vibora dos ingratos.

O desenlace não vizou um alvo logico, verdadeiro, benefico. Produziu effeito mas, não deixou exemplo.

Theatro que seja o cadinho das purificações humanas, buscando alargar o campo da actividade em favor do util sobre o inutil, do bom sobre o mau, do caracter sobre a degenerescencia, esse desejamos nós: theatro da luta pelamoral, do heroismo pela virtude.

Ceará—20 de Outubro de 1895.

João Barretto de Menezes.

IMPRENSA

Recebemos o *Correio Mercantil*, *Gazeta de Alagoas*, *L'Echo du Bresil*, *Nacional*, *A Madrugada*, *Diario de Natal*, *Cruzeiro do Norte*, *Monitor Postal*, e deste Estado—*A Verdade*, *Ceará*, *Diario do Ceará*, *O Pão*, *A Penna*, *Phenix Caixeral* e o *Faguariê*; agradecendo agenteisa dos illustrados collegas que nos animaram com as suas honrosas referencias as quaes deixamos de reproduzir, por não despormos de espaço sufficiente uma vez que é mensal a uma edição.

ESTADO DE SITIO. E' o opusculo que acaba de publicar o Dr. Tarquinio de Souza, illustrado lente da Escola naval e da Faculdade livre de Direito do Rio de Janeiro.

O autor estudou esta these de Direito constitucional á luz dos codigos modernos com uma proficiencia que honra os creditos de seu talento e illustração.

Prova que o Poder publico não deve abuzar d'esse recurso extremo—«entretanto a historia politica de varios paizes modernos principalmente latinos americanos mostra-nos que d'elle tem lançado mão os governos não em casos de seria e profunda convulsão social mas simplesmente servindo d'instrumento para a pratica d'attentadas, violencias e satisfação de vianganças politicas e odios partidarios nas mãos de detentores occasionaes do Poder publico, não raro inteiramente divorciados do espirito nacional; que o estado de sitio tal como foi instituido não desclassifica juridicções nem suspende o *habeas corpus*, as immunições parlamentares e outras garantias; que considerado como um instrumento de defesa e não de ataque, como um mal necessario, obtleração passageira da liberdade publica não poderá ser invocado a todo proposito para justificar o crime, legitimar a violencia, tornar o attentado meio de governo e a arbitrariedade expediente quotidiano de governo incapaz!—

Agradecemos a remessa.

AS BOAS OBRAS. Com este titulo um sacerdote nosso conterraneo publicou um drama moral e religioso em 3 actos acompanhado de uma pequena comedia—*aviso as moças*.

A scena passa-se no Rio Grande do Sul por occasião dos acontecimentos da revolta.

O drama está escripto em linguagem correcta e digna.

O auctor que não se descobre por excesso de modestia, procura como sacerdote que é, cimentar as virtudes que nascem á sombra do Evangelho, fazendo salientar as grandes vantagens que aguardam as boas obras inspiradas pela doutrina da Cruz. Agradecemos.

CCARA'—Typ. UNIVERSAL—R. FORMOSA, 33